

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

14

**OS
PRESBITERIANOS**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**



OS PRESBITERIANOS

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 14

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

OS PRESBITERIANOS

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS, FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-III-1959.

Titulo do original inglês: The Presbyterians.
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.
Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

OS PRESBITERIANOS

Não pode haver dúvida de que o estado do mundo está forçando todos os que professam crença na religião cristã a tomarem o pulso da sua situação. Como consequência, velhas controvérsias entre Igrejas divididas estão perdendo rapidamente o interesse. Ataques candentes contra doutrinas isoladas, e igualmente defesa inflamada de tais doutrinas, estão dando lugar a um estudo mais calmo e imparcial dos movimentos, como um todo. Cada vez mais vai sendo compreendido que um dos melhores auxílios para o reto pensar é o conhecer a história inteira de qualquer movimento, tôdas as fases do seu crescimento, de preferência a algum aspecto seu particular. Uma visão global muitas vezes é mais útil para formar uma sã estimativa de qualquer religião, do que um conhecimento menos extenso, ainda que mais profundo, desta ou daquela feição dela.

Este livrinho, portanto, constitui um esforço para dar, dentro de limitações necessárias, uma visão tão global quanto possível das Igrejas Presbiterianas, nome com que estas Igrejas têm sido chamadas em países anglo-saxões que seguiram a direção dada pelo reformador protestante João Calvino.

O próprio Calvino chamou à sua nova Igreja simplesmente "A Igreja Reformada"; e, à medida que se espalhou pelo continente europeu, ela foi tomando o nome de cada país onde era estabelecida. Assim sur-

giu "A Igreja Reformada da Holanda", ou "da França", ou "da Alemanha". Mas tôdas essas Igrejas baseiam-se mais ou menos nos princípios Presbiterianos.

Em si mesmo, o t rmo "Presbiteriano" diz pouco sôbre doutrina ou culto. Refere-se principalmente à forma de govêrno da Igreja adotada, a qual é investida em "presbíteros", isto é, em "Anci os" ou "Mais velhos", como distinta dos tipos de Protestantismo episcopal e congregacionalista. Mas o Presbiterianismo tem suas doutrinas e formas de culto especiais, cuja compreensão nos faz recuar até às suas origens históricas.

JOAO CALVINO

As Igrejas Presbiterianas remontam, em última análise, a João Calvino, que nasceu uns 25 anos depois de Martinho Lutero, a 10 de julho de 1509, em Noyon, na França. Seus pais, católicos, destinaram-no ao sacerdócio, e  le começou os seus estudos preparatórios com êsse fim. Mas o seu brilhantismo no estudo levou seu pai a persuadi-lo de se fazer, em vez disso, jurista; mudança que João prazerosamente f z, visto nunca ter sido ardorosamente religioso. É interessante lembrar que êle foi estudante na Universidade de Paris ao mesmo tempo que Santo In cio de Loiola, fundador dos Jesuítas, religiosos êstes que mais tarde deviam dedicar-se tão fervorosamente   preserva o da velha religião, como os Calvinistas   destrui o dela.

Na Universidade, Calvino tornou-se religiosamente hesitante, influenciado prov velmente pela crescente inquieta o suscitada na Europa por Martinho Lutero. Iniciou o estudo da Bíblia, o qual o levou, em 1532, àquilo a que êle chamou a sua "conversão súbita". Superinfluenciado pelo Novo Testamento, foi empolgado

pelo pensamento da Majestade de Deus e por um temor da sua própria pecaminosidade. Achando que a sua religião católica não podia fazer nada sobre isto, esforçou-se por efetuar as coisas por si mesmo. Mas o seu sistema de teologia não foi realmente baseado na Bíblia. Conforme diz com razão Dr. Clifford, o Batista, "Calvino construiu o seu sistema teológico primeiro, e interpretou a Bíblia depois". Estudando os escritos de Calvino, cada vez mais a gente sente que ele foi guiado pelas suas próprias impressões subjetivas, às quais a Bíblia teve de ser ajustada.

A expressão pública dos seus novos modos de ver resultou na expulsão de Calvino de Paris, e ele foi praticamente um fugitivo, aqui, ali e em toda parte, até 1536, quando se estabeleceu em Genebra, na Suíça. Durante esse período intermediário ele pela primeira vez celebrou a Ceia do Senhor na Igreja Evangélica de Poitiers, no ano de 1534. Embora nunca tivesse sido ordenado sacerdote ou ministro, justificou-se disso pela sua doutrina do "sacerdócio de todos os crentes", e pela sua persuasão de ser chamado por Deus para ministrar às almas.

Assim, quando tinha apenas 27 anos, escreveu a sua "Instituição da Religião Cristã", a primeira e mais sistemática teologia do Protestantismo. Dividiu a obra em seis capítulos: (1) As Dez Palavras (ou Mandamentos); (2) A Fé (O Credo dos Apóstolos); (3) A Oração; (4) Os Sacramentos; (5) A Liberdade Cristã; (6) Estado e Igreja.

Calvino tomou como seu ponto de partida os ensinamentos de Lutero de ser a Bíblia a única fonte de doutrina, e de serem os homens justificados pela fé somente. Mas, com a sua precisão e lógica sistemática, chegou àquilo que jaz por trás desse último princípio, isto é, a terrível e arbitrária seleção feita por

Deus de apenas algumas almas para a salvação, predestinando tôdas as outras ao inferno. Ele não era cego para com a repelente natureza dêsse ensino, mas dizia simplesmente que êle devia estar certo porque Deus assim o queria. Porquanto todo o sistema de Calvino concentrava-se na doutrina da absoluta Soberania de Deus e da total depravação do homem. No entender de Calvino, pela queda de Adão o gênero humano inteiro tornou-se completamente corrupto, e todos foram com razão condenados ao inferno. Todavia, Deus, em Cristo, morreu pela redenção dos "eleitos", fora de qualquer mérito dêstes. Os não escolhidos, ou "não-eleitos", não têm esperança de salvação. Enquanto isso, a graça dada aos "eleitos" é absolutamente irresistível, de modo que, uma vez escolhidos, êles nunca podem decair e perder-se, façam o que fizerem.

Sendo essa graça dada imediatamente por Deus, segundo Calvino, não podia haver aí lugar para quaisquer intermediários sacerdotais ou eclesiásticos. Pode-se, porém, ver que a negação do episcopado e de toda ordem sacerdotal especial praticamente lhe foi imposta. Ele não passava de um leigo, e sentiu-se obrigado a declarar que qualquer ordem mais alta que a dos crentes batizados era não-Escritural e um desenvolvimento desautorizado na Igreja. Ensinou, pois, o sacerdócio universal de todos os crentes. Cada congregação tinha de pôr à parte, como ministros, aqueles membros que ela aprovasse como chamados por Deus para tais funções.

Contudo, Calvino não seguiu Lutero na doutrina de uma "Igreja invisível". Sustentou que há uma "Igreja visível"; não Roma, com a sua hierarquia, mas sim a "Comunidade Cristã" conhecida como a verdadeira Igreja pela pregação da Pura Palavra de

Deus e pela devida administração dos dois Sacramentos, o Batismo e a Ceia do Senhor.

A essa Igreja visível Calvino deu grande importância. Devia ela ser governada por um conselho de presbíteros e de leigos sob "Superintendentes", sistema que êle declarou ser o da era Apostólica. A sociedade dêle devia ser uma dessas que crêem e obedecem. Devia ser completamente independente da autoridade secular, e não sujeita ao Príncipe governante como Lutero sustentava. De fato, devia ela estar acima do Estado, sôbre o qual tinha autoridade em todos os assuntos morais, devendo o Estado reforçar as decisões da Igreja.

Assim Calvino produziu aquilo que Lutero deixara de fazer, isto é, um sistema eclesiástico organizado; e análogo, se algum há, à histórica Igreja Católica que êle repudiara como completamente corrompida. De fato, em verdade criara uma nova hierarquia autoritária de presbíteros que hauriram dos Anabatistas o despique de que não deviam ao novo presbitério dêle uma obediência que êle próprio recusava a Roma!

Com o repúdio do sacerdócio católico, naturalmente lá se foi a doutrina da Presença Real de Cristo na Eucaristia e o Sacrifício da Missa. E aqui Calvino foi muito mais radical do que Lutero. Lutero acreditava na Presença Real, explicando-a pela "consubstanciação" em vez da "transubstanciação"; isto é, ensinando que, depois da consagração, a verdadeira substância do Corpo e do Sangue de Cristo estava presente nos sagrados elementos juntamente com as substâncias do pão e do vinho. Assim êle evitou o ensino católico de que estas últimas substâncias são "convertidas" na substância do corpo e do sangue de Cristo. Além disso, Lutero conservara uma Missa não emendada. Estas doutrinas de Lutero foram ferrenhamente

controvertidas por Calvino. Ele negou que o Corpo e o Sangue de Cristo estivessem presentes na Eucaristia exceto de "maneira espiritual". Calvino alijou a própria Missa como idolatria. Declarou que a Ceia do Senhor era uma mera cerimônia de Comunhão. O pão e o vinho consagrados podiam, no máximo, causar, na alma de quem os recebesse com fé, os benefícios para nós merecidos pelo Corpo e Sangue de Cristo na Cruz. Uma pessoa que se aproximasse da Comunhão sem fé receberia pão e vinho, e nada mais. Não havia nela nada mais! Porém Lutero nunca cedeu nesta matéria. Numa conferência com os Suíços em Marburgo, em 1529, dizem que ele escreveu com giz sobre a mesa "Hoc est Corpus Meum" (Isto é meu Corpo), e recusou arredar-se sequer uma polegada do sentido literal dessas palavras.

Em Genebra, Calvino achou tãda facilidade para o estabelecimento da sua nova religião. Em 1532, William Farel, pregador protestante, aproveitara-se da revolta do povo contra o Duque de Sabóia, para ali estabelecer o protestantismo. Em 1536 convidou Calvino a se lhe juntar. Calvino assim o fêz, e converteu Genebra num Estado-Igreja, no qual, declarou êle, a Palavra de Deus seria a autoridade absoluta em doutrina e moral. A sua Igreja manteve garra de aço sobre governantes e governados igualmente.

O Estado era obrigado a apoiar a Igreja, infligindo castigo temporal a todos os que desobedecessem às regras desta. A autoridade da Igreja era exercida por um "Consistório" de seis clérigos e doze leigos. A "Disciplina de Deus" foi reforçada. O "Consistório" condenava e o Estado punia ofensas tais como ausência da Igreja, dança, jôgo de cartas no domingo, visita a tavernas, companhia com Católicos, comer peixe na sexta-feira, criticar os ensinamentos

Calvinistas, chamar o Papa um bom homem em vez de um anticristo, e muitas outras coisas. Pouco admira, pois, que, por semelhante severidade puritana, Calvino fôsse banido de Genebra em 1538. Mas em 1541 voltou de Estrasburgo, de onde fugira, e governou a cidade mais uma vez com mão de ferro. O seu sistema não podia conceder tolerância. Em 1546 Miguel Servetus, Unitário, escreveu a Calvino pedindo um salvo-conduto para Genebra, para o fim de uma conferência pessoal sôbre o assunto da Trindade, cuja verdade Servetus negava. "Se êle vier", disse Calvino, "e a minha influência tiver algum pêso, êle nunca deixará a cidade vivo". Servetus veio, e foi queimado vivo no poste a 27 de outubro de 1553, por ensinar doutrinas opostas às "Instituições" de Calvino. O próprio João Calvino morreu em 1564.

Calvino foi um dos homens maiores, mais determinados e mais firmes. E a integridade da sua vida moral é inquestionável. Mas intelectualmente era orgulhoso, e fanaticamente convicto de que o que êle sentia estar certo devia ser a vontade de Deus. Infelizmente, também, a sua pobre saúde exagerava um temperamento já inclinado a extremos puritanos; e o resultado foi uma sombria teologia que tornava a vida insuportável para a média dos homens. Duro e antipático, completamente estranho a qualquer tolerância e brandura, não tinha paciência com ninguém que discordasse dêle, e mostrava hostilidade impiedosa para com todos os que se lhe opunham, manejando um completo poder espiritual e temporal igual ao que êle havia condenado no Papado. Tal foi João Calvino, o pai espiritual das Igrejas Reformadas Suíça, Holandesa, Francesa e Alemã, e, mais remotamente, do Presbiterianismo Escocês.

Entretanto, para crédito delas, deve ser dito que os Presbiterianos modernos rejeitam secções inteiras dos ensinamentos de Calvino sôbre a depravação total do gênero humano, e sôbre os decretos de Deus acêrca da predestinação e reprobção. De fato, como sistema teológico, o Calvinismo está morto; e, se sobrevive como forma de govêrno eclesiástica, é em dose muito modificada. O mistério está em que tantos Presbiterianos, divergindo das conclusões tiradas, com rígida lógica, das suas premissas, por Calvino, não vão mais longe e não admitam que as suas próprias premissas estavam erradas em primeiro lugar. Mas isto pode vir a acontecer.

JOHN KNOX

A segunda grande figura no estabelecimento do Presbiterianismo foi John Knox. John Knox nasceu em 1505, e estudou para o sacerdócio em Glasgow, sob a direção do Rev. Dr. John Major. O Dr. Major tinha voltado à Escócia, de estudos feitos na França, como um ardoroso abonador da teoria Galicana que sustentava que o próprio Papa estava sujeito a um Concílio Geral no govêrno da Igreja. Não é difícil ver como isso abriu o caminho para as idéias Presbiterianas.

Knox foi ordenado sacerdote em 1530, e, conquanto em 1540 já houvesse começado a mostrar desafeição para com a Igreja Católica, em 1543 ainda pôde assinar documentos como "ministro do Altar Sagrado, sob o Arcebispo de Santo André". Contudo, por volta de 1546 adotara definitivamente o Protestantismo, sob a influência de George Wishart, ex-sacerdote que regressara de viagens à Alemanha para advogar as novas doutrinas.

O próprio Knox logo foi detido por pregar as teorias de Wishart, e, após um período de cativeiro na França, transferiu-se para a Inglaterra, onde foi bem recebido por Cranmer e fêz de Capelão Real Anglicano para o Rei Eduardo VI. Em 1552 foi-lhe mesmo oferecido o Bispado de Rochester; mas ele recusou a oferta, usando tôda a sua influência para tornar o regime Anglicano mais Protestante e menos hierárquico na sua constituição. Repudiando o celibato sacerdotal, casou-se com uma Calvinista chamada Margaret Bowes. Mas, logo depois, havendo morrido Eduardo VI, o acesso de Maria Tudor ao trono levou-o novamente ao exílio. Desta vez ele buscou refúgio em Genebra, onde se encontrou com Calvino e veio a ficar profundamente imbuído dos ensinamentos do Reformador suíço. Mais ou menos por êsse tempo escreveu o seu famoso livro "O Monstruoso Govêrno de Mulheres", denunciando o mal do govêrno feminino, razão por que Isabel nunca o perdoou, embora mais tarde, por motivos políticos, o ajudasse a estabelecer a sua Igreja na Escócia.

Por curto tempo John Knox voltara de Genebra à Escócia em 1555. Pregou ali o Calvinismo, denunciando a Missa como idolatria, e advogando uma mudança radical na doutrina, disciplina e culto. Muitos dos Nobres escoceses fizeram causa comum com ele, ansiosos de se apoderarem das terras da Igreja. Desde muito que eles olhavam com olhos cobiçosos as propriedades eclesiásticas; e, vendo o que Henrique VIII fizera na Inglaterra, estavam prontos a apoiar um movimento que lhes promettesse esbulhos semelhantes. Sem embargo, Knox logo foi forçado a fugir de novo do país, voltando para Genebra. Mas, durante a sua ausência, os Nobres ambiciosos coligaram-se, constituíram-se em "Lordes da Congregação",

e estabeleceram o primeiro "Pacto Solene" para abolir o Catolicismo.

Em 1559 Knox voltou do exílio para dirigir uma insurreição contra o trono escocês, insurreição que Isabel apoiou com tropas inglesas, embora lhe repugnassem o Calvinismo e a rebelião. Knox foi bem sucedido, e em 1560 o governo do país foi confiado a um "Conselho de Lordes" que prontamente decretou que o Protestantismo Calvinista devia ser estabelecido como religião da Escócia, de acordo com uma "Confissão de Fé" redigida por John Knox e vários outros ex-sacerdotes.

Naquele mesmo ano, contudo, 1560, Maria Stuart ascendeu ao trono escocês, com uma única ansiedade, a de restaurar a antiga religião. Demasiado forte, foi, porém, a oposição contra ela. Em 1567 ela abdicou, e fugiu, em busca de proteção, para junto de Isabel na Inglaterra, e para a sua morte, como a rival política mais temida de Isabel. O Parlamento escocês imediatamente confirmou o Ato de 1560, fazendo do Calvinismo a religião de Estado.

John Knox viveu mais uns cinco anos, tendo tomado como sua segunda mulher, em 1564, Margaret Stewart, uma menina de apenas dezessete anos, que foi deixada para chorar a morte dele em 1572.

De John Knox deve ser dito que não contribuiu com coisa alguma original para a teologia. Simplesmente manejou o Calvinismo que aprendera em Genebra. De fato, ele foi quase Calvino outra vez. Durante os últimos vinte anos de sua vida sofrera de cálculos renais e de dispepsia, e ele próprio admitiu que a sua natureza "estava na maior parte oprimida por melancolia". De Calvino ele herdou idéias rígidas e autocráticas de governo da Igreja, enquanto que um estudo contínuo do Antigo Testamento conferiu-lhe ver-

dadeira ferocidade em falas públicas e também na prática. Declarou que todo Protestante tinha o direito de matar qualquer Católico como idólatra, incitando a selvagem perseguição dos “Amalecitas” — todos os prelados e papistas. Era sincero nas suas convicções, porém como um fanático é sincero; e nenhum Presbiteriano moderno nem por um momento aprovaria o dogmatismo, o autoritarismo e a intolerância com que ele impôs o Calvinismo à Escócia.

DESENVOLVIMENTOS NA ESCÓCIA

John Knox preparou o caminho para o Presbiterianismo como o conhecemos hoje. Não foi realmente o fundador dêle. Muita coisa que êle ensinou e prescreveu não tardou a ser abandonada, sendo introduzidas alterações que certamente nunca previu.

Recuemos um pouco para o terreno anterior. Até 1560, a Igreja da Escócia foi a Igreja Católica histórica que por milhares de anos fôra reconhecida por tôda a Cristandade ocidental. Naquele ano de 1560, o Parlamento escocês aboliu a jurisdição do Papa, proibiu a celebração da Missa e adotou a “Confissão de Fé” calvinista traçada por John Knox e pelos seus primeiros companheiros.

Knox morreu em 1572. Derrubara o Catolicismo em favor do Calvinismo. O seu sucessor, André Melville, criou o Presbiterianismo escocês. Sob a sua direção, foi criado o “Segundo Livro de Disciplina”, expondo o inteiro sistema presbiteriano de govêrno por ministros e leigos, numa série ascendente de Tribunais Eclesiásticos, graduados desde as Sessões de Igreja locais, através de Presbitérios e de Sínodos, até a Assembléia Geral presidida por um moderador escolhido anualmente. Em 1592, o Parlamento escocês

declarou que esse sistema Presbiteriano era a Igreja estabelecida da Escócia.

Mas a estabilidade não foi imediatamente alcançada. Em 1612 o Ato de '92 foi repellido, e o episcopado foi restaurado, sendo três ministros Presbiterianos sagrados Bispos de acôrdo com o modelo Anglicano em Londres. Mas em 1637, quando o Rei Carlos I e o Arcebispo Laud tentaram impor à Escócia o Livro de Oração Comum anglicano e transformar todo o sistema da Igreja ali num sistema praticamente anglicano, os Escoceses se revoltaram, assinaram um "Pacto Nacional" coligando-se para defender o Presbiterianismo mesmo à custa das suas vidas, e forçaram Carlos a concordar com a restauração dêle. O Episcopado foi abolido, e quatorze Bispos foram depostos.

Todavia, em 1661 Carlos II declarou traidor o Convênio, e novamente repeliu o Ato de '92, e restaurou o episcopado. O ano de 1689 trouxe o regime final com o advento de Guilherme de Orange ao trono da Inglaterra. Guilherme era um Calvinista que sympathizava com os Presbiterianos da Escócia. Desautorizou e destituiu ali a Igreja Episcopal, e restaurou o Presbiterianismo como a religião estabelecida, concedendo-lhe tôdas as possessões da Igreja Católica na Escócia anteriores à reforma.

Os que preferiram ficar com a Igreja Episcopal na Escócia tornaram-se uma das seitas não-conformistas e perduraram como sendo a Igreja Episcopal da Escócia, tendo hoje sete Bispos anglicanos em comunhão com o Arcebispo de Cantuária.

Até hoje, o primeiro ato verdadeiro do Rei da Inglaterra no seu acesso ao trono é fazer um Juramento de manter inviolavelmente a Igreja Presbiteriana na Escócia, com todos os seus direitos e privilégios;

e cada ano êle nomeia um Lorde Alto-Comissário para representá-lo, como protetor e presidente, na Assembléia Geral Presbiteriana na Escócia.

POSIÇÃO NA INGLATERRA

Também na Inglaterra, o Presbiterianismo teve êxito. Entre os primitivos reformadores inglêses havia fortes tendências presbiterianas. Cranmer, Latimer e Hooper pensavam nêle. Porém a Igreja Episcopal Anglicana prevaleceu sob o reinado de Isabel, e elementos presbiterianos foram impelidos ao não-conformismo.

Nos reinados de Jaime I e Carlos I, o Parlamento britânico, em oposição a êsses reis, e guiado pelos Puritanos, visou a nada menos do que ao estabelecimento do Presbiterianismo como religião de Estado. Em 1647 o Longo Parlamento aboliu mesmo a "Prelazia", e teria declarado que a religião presbiteriana era a religião nacional sômente para Cromwell, que considerava o "presbítero como escrita longa de padre"; e deu o seu apoio aos Congregacionalistas.

Contudo, em 1660, com a restauração da monarquia, a religião Anglicana veio a ser mais uma vez a Igreja de Estado estabelecida; e o "Ato de Uniformidade", exigindo ordenação episcopal para o clero e assentimento ao Livro de Oração Comum forçaram tanto Presbiterianos como Congregacionalistas a formarem as suas próprias Igrejas não-conformistas, como sempre têm existido na Inglaterra desde então.

IGREJAS AMERICANAS

O Calvinismo chegou à América já em 1562 com os Huguenotes franceses, seguidos por colonos vindos da Holanda e pertencentes à Igreja Reformada

Honlandesa. Mas entre os seus descendentes os ensinamentos calvinistas foram grandemente modificados, sendo muitos dêles totalmente abolidos. De fato, houve entre os Calvinistas americanos um desvio do cristianismo ortodoxo para doutrinas antitrinitárias, de modo que muitos dêles se tornaram praticamente Unitários.

O Presbiterianismo foi trazido, de 1617 em diante, pelos Puritanos ingleses e por posterior imigração vinda da Escócia e da Irlanda do Norte. O primeiro Presbitério organizado foi constituído em Filadélfia em 1706, desenvolvendo-se para um Sínodo regularmente estabelecido em 1717. A "Confissão de Westminster", juntamente com os Catecismos Maior e o Menor dos Teólogos de Westminster, foi adotado como o modelo doutrinal; e por quase dois séculos o Presbiterianismo americano tornou-se o baluarte teológico do Protestantismo ortodoxo nos Estados Unidos.

Mas nem mesmo o Presbiterianismo foi capaz de resistir à desintegração oriunda de causas quer interiores quer exteriores à Igreja. Em 1861 os Presbiterianos foram divididos pela questão da escravidão, que levou à separação entre o Sul e o Norte. Além disto, o "Fundamentalismo" tem agitado o Presbiterianismo como outras Igrejas protestantes, e o literalismo bíblico tem sido alijado por muitos, enquanto que tem havido muitas mudanças em doutrina, culto e disciplina.

De acôrdo com o "Almanaque Mundial de 1948", existem hoje nos Estados Unidos as seguintes variedades distintas de Presbiterianos:

Igreja Presbiteriana Associada Reformada (Sinodo Geral)	23.385
Igreja Presbiteriana Associada da América do Norte	250
Igreja Presbiteriana Cumberland de Côr	30.000
Igreja Presbiteriana Cumberland	75.427

Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos	596.037
Igreja Presbiteriana Reformada na América do Norte (Sínodo Geral)	1.559
Igreja Presbiteriana Ortodoxa	7.084
Igreja Presbiteriana Reformada na América do Norte (Escola Antiga)	6.617
Igreja Presbiteriana Unida da América do Norte . . .	198.815

A lista supra, entretanto, é inadequada, e pode ser aceita como uma indicação da extensão em que os Presbiterianos estão divididos. De acôrdo com o "Anuário das Igrejas Americanas" (1943), há, ao todo, 2.800.000 membros das Igrejas Presbiterianas nos Estados Unidos da América.

ENSINAMENTOS PRESBITERIANOS

Não seria possível, num livro tão pequeno como este, dar conta exaustiva dos ensinamentos Presbiterianos. Mas deve-se fazer alguma menção da atitude dos Presbiterianos em relação à Bíblia, à Igreja, ao Ministério, aos Cremos e aos Sacramentos.

A BÍBLIA

Os Presbiterianos têm-se salientado na sua aceitação da Bíblia apenas como a única autoridade na qual a verdadeira religião pode ser baseada, e, na maioria, experimentam profunda repugnância por quaisquer tradições anteriores às que datam de Calvino. Porém, embora ainda subscrevam nominalmente a teoria do "A Bíblia somente", muitos Presbiterianos modernos começam a vacilar.

Começam a se dar conta de que a Igreja existia antes de ter sido escrita uma linha sequer do Novo Testamento, e de que dos ensinamentos da Igreja, e não da leitura da Bíblia, foi que os primitivos Cristãos obtiveram o seu saber.

Os seus expoentes também têm reconhecido que o Novo Testamento não constitui um relato sistemático da revelação cristã, que os livros dêle omitiram muita coisa antes geralmente conhecida, e que eles próprios gostariam de descobrir essa matéria adicional haurindo-a no estudo das tradições primitivas.

Além disto, eles duvidam cada vez mais sobre a guia divina dos leitores individuais da Sagrada Escritura. Certamente, se todos os leitores sinceros tirassem as mesmas conclusões, o resultado seria impressionante. Mas a experiência mostra exatamente o contrário. A necessidade da interpretação autêntica por uma Igreja autorizada de acôrdo com os ensinamentos tradicionais vindos desde o comêço, está-se tornando cada vez mais evidente para eles.

Também o amplo afastamento de tantos Protestantes de qualquer crença na Bíblia como divinamente inspirada é mais uma razão para duvidar da capacidade de um livro para proporcionar qualquer base de fé consistente e permanente, se não houver uma voz viva que lhe defina o sentido. Muitos, pois, que ainda crêm no Cristianismo estão dando sinais de voltar seus passos numa direção católica relativamente à Bíblia e aos principios da interpretação dela.

A IGREJA

Quando nos volvemos para a questão da Igreja, torna-se muito difícil apreciar a posição presbiteriana.

A tendência geral dos reformadores protestantes, depois de repudiarem as pretensões da Igreja Católica a ser de instituição e autoridade divina, foi negar haver Cristo instituído jamais uma Igreja. Para eles, a Igreja era uma associação voluntária de pessoas de mentalidade idêntica, não reclamando nenhu-

ma sucessão Apostólica de qualquer espécie, salvo naquilo que êles concebiam como sendo a fé. Longe de quererem continuidade com o passado, êles queriam era inteiro afastamento dêle.

João Calvino, entretanto, teve outras idéias. Para êle, a Igreja era realmente uma instituição divina que se corrompera, e que devia se restaurar. A autoridade que ela exercia era divina, e não meramente humana; e a religião dêle era uma religião absolutista, justamente como o Catolicismo que êle rejeitava. Que John Knox herdou esta idéia, resulta claro da sua "Confissão de Fé" de 1560, onde lemos: "Igreja fora da qual não há nem vida nem felicidade eterna". A "Confissão de Westminster" de 1643 diz um pouco mais atenuadamente: "fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação".

As doutrinas Presbiterianas originais sustentavam, pois, que a filiação à Igreja Presbiteriana é necessária para todos os que desejam salvar suas almas. Mesmo em tempos bem recentes, os Drs. Witherspoon e Kirkpatrick escreveram, no seu "Manual of Church Doctrine", que o Presbiterianismo conserva um ministério que deriva a sua autoridade não do povo, mas de Cristo; e que todos os atos do ministério "são próprios só de Cristo, como Apóstolo de Deus, Mediador da Nova Aliança, e Sumo Sacerdote da Casa de Deus".

Pode-se, contudo, dizer que muitos Presbiterianos considerariam isso como clericalismo exagerado. Mais recentemente ainda, o Prof. W. D. Niven, Doutor em Teologia do Trinity College, Glasgow, escreveu a respeito do sistema Presbiteriano: "Nós já não asseveramos que êle possui sanção escritural exclusiva; afirmamos sòmente que êle é fundado na Palavra de Deus e concorde com ela. Reconhecemos que êle não

quadra a todos. Sustentamos que, ao passo que uma organização definida e completa não é claramente prescrita na Escritura, os princípios estão na Escritura, e estamos convencidos de que a nossa organização faz mais completa justiça a êles do que qualquer outra". No mesmo contexto êle faz esta notável declaração: "Na essência, o nosso sistema era antigo e foi comprovado muito antes de ter sido fundada a Igreja Cristã, por ser o sistema da Sinagoga" ("Towards Reunion", pp. 119-120).

A luz destas últimas palavras bem pode a gente perguntar-se como pode a Igreja Presbiteriana pretender ser uma Igreja tal como Cristo intentou. Porque certamente êle não teve intenção de restabelecer a Sinagoga!

O MINISTÉRIO

Na sua doutrina do ministério, o Presbiterianismo ocupa lugar único entre as Igrejas Protestantes.

Martinho Lutero, rejeitando a autoridade da Igreja pela autoridade da Bíblia, repudiou o sacerdócio como até então fôra accito. Manteve o sacerdócio de todos os crentes, com exclusão de qualquer casta sacerdotal detentora de poderes especiais acima dos do fiel comum. Contentou-se com que a autoridade sôbre a Igreja, anteriormente exercida pela hierarquia, fôsse investida no Príncipe secular; e considerou a obra dos ministros como meramente pastoral, como uma função dêles por eleição e comissão da parte dos membros da Igreja. "O Ministério", escreve Peake, "não possui sacerdócio que não pertença ao laicato; e não há função do ministério que seja ilegítima para o leigo exercer, contanto que o faça a chamado da Sociedade" ("Towards Religion" p. 189).

Ora, João Calvino começou agindo com base nesse princípio. Ele próprio não passava de um leigo; e, como vimos, em 1534 celebrou a Ceia do Senhor na Igreja Evangélica em Poitiers. Mas, em 1536, quando publicou a sua "Instituição", convencera-se de que havia uma função ministerial especial na Igreja, a dos "presbíteros". Sustentou que, no Novo Testamento, o termo "presbítero" significava "mais velho", e o termo "bispo" significava "superintendente"; mas que ambos os termos se referiam a uma só e mesma "Ordem" na Igreja. Aquela ficava livre de uma ordem especial de "episcopado", mas admitia uma ordem especial de "presbíteros". Ao mesmo tempo, Calvino permitiu a nomeação de leigos como "mais velhos"; os "presbíteros" para pregarem e administrarem os Sacramentos; os "mais velhos" para assistirem os "presbíteros" e ajudarem no governo da Igreja.

Há muita confusão entre os próprios Presbiterianos quanto à distinção entre "mais velhos" e "presbíteros"; tanto que, como Anglicanos, os Presbiterianos podem ser divididos em grupo da Igreja Baixa e grupo da Igreja Alta.

A Igreja Baixa Presbiteriana sustenta que os "mais velhos" e os "presbíteros" constituem exatamente a mesma ordem. Tanto "mais velhos" como "presbíteros" são ordenados por imposição das mãos, os "presbíteros" como "mais-velhos docentes" a serem especialmente adestrados, e só aos quais o costume restringe a direção do culto, da pregação, e a administração dos Sacramentos; os outros são ordenados, por imposição das mãos, como "Mais-Velhos dirigentes". A única distinção entre eles é a de especial reverência pela função ministerial. Contudo, nem os "mais-velhos docentes" nem os "mais velhos dirigentes" diferem, em si mesmos, do laicato não ordenado. São

apenas membros da Igreja que foram autorizados pelos outros a atuar em favor dêles. Assim sendo, escreve o Dr. Fairbairn: "Cristo não disse palavra, não praticou ato, que implicasse a necessidade de um sacerdócio oficial para o seu povo. Não impôs a observância sacerdotal, não instituiu ordem sacerdotal, não promulgou lei sacerdotal" ("Place of Christ in Modern Theology", p. 48). E o Dr. Fairbairn conclui que Cristo fundou uma Sociedade que "na sua entidade coletiva tem um caráter sacerdotal, mas é sem sacerdócio oficial".

Por outro lado, a Igreja Alta Presbiteriana, enquanto repudia o sacerdotalismo, sustenta a necessidade e a instituição divina de uma classe de presbíteros especialmente adestrada, apartada de funções seculares, para pregar a Palavra e administrar os Sacramentos. Ensinam que, se os "mais-velhos dirigentes", já ordenados como tais por imposição das mãos, são nomeados "presbíteros", têm de ser ordenados de novo, o que não sucederia se novos poderes não fôsem necessários; e pretendem possuir Sucessão Apostólica na "forma presbiteral original", isto é, através de uma continuidade de ordenações pelos ordenados, com oração e imposição de mãos.

Todavia, muitos, até mesmo dos que se inclinam para as tendências da Igreja Alta, pensam que isto vai longe demais. Negam que os presbíteros tenham quaisquer poderes inerentes a transmitir a outros por ordenação. No entender dêles, não pode haver Sucessão Apostólica de Ordens nesse sentido. A ordenação deve ser pelos presbíteros, não casualmente reunidos, mas associados constitucionalmente num "presbitério". A corporação dos Presbiterianos, representada pelos presbíteros, faz a ordenação, e a única continuidade é a de autorização externa. A conti-

nuidade é de jurisdição antes que de quaisquer poderes especiais sobre e acima dos do laicato.

E' difícil ver como podem os Presbiterianos pretender mais do que é sustentado nessa última opinião. Afinal de contas, os primeiros Presbiterianos na Escócia eram todos ex-sacerdotes que não fizeram caso da Sucessão Apostólica de Ordens. Repudiaram o seu sacerdócio e qualquer transmissão de poderes além dos possuídos por qualquer membro batizado da Igreja. Mudaram inteiramente a forma e intenção históricas do rito da ordenação. E agora já não é mais do que o costume que, como oposto ao Congregacionalismo, insiste em que o "chamado" de um ministro tem de ser apoiado pelo "presbitério", que é quem o ordena e o investe. Afinal, isto faz recuar para o sacerdócio dos crentes, com mera distinção convencional entre clero e laicato.

OS CREDOS

Expondo o que os Presbiterianos crêem, o Prof. W. D. Niven, Doutor em Teologia, de Glasgow, diz: "Os Presbiterianos adotam a Fé Católica expressa nos Cremos dos Apóstolos e Niceno. Adotam, igualmente, os grandes princípios da Reforma, o sacerdócio universal de todos os crentes, e a supremacia e suficiência da Palavra de Deus contidas nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos como a regra de fé e de vida. De uma forma ou de outra, todos adotam e acentuam as doutrinas da graça. Algumas Igrejas são Luteranas em teologia; algumas são Arminianas; a grande maioria tem como normas subordinadas uma Confissão de Fé que é distintamente Calvinista. Mas o Calvinismo dogmático dos séculos passados está morto quase em toda parte. O rigor das

afirmações confessionais tem sido expressamente modificado, de vários modos e em diferentes graus" ("Towards Reunion", p. 122).

Muitos problemas são suscitados por semelhante afirmação. Se os Presbiterianos aceitam os Credos dos Apóstolos e de Nicéia, então aquelas declarações são aceitas como regra de fé em aditamento à Bíblia? Se o são, que vem então a ser da Bíblia como "regra de fé suficiente"? Ou então o Dr. Niven quer dizer que os Presbiterianos aceitam, mas não precisam aceitar os Credos? Ainda uma vez, que é que se entende pela aceitação das doutrinas da graça "de uma forma ou de outra"? São elas por acaso formas mutuamente exclusivas? Quanto às variedades de teologia, as teologias Luterana, Arminiana e Calvinista são, por certo, inconciliáveis. Se tôdas as três florescem entre os Presbiterianos, absolutamente não se pode dizer que há uma só e mesma fé para os Presbiterianos!

Como matéria de fato, o único guia aproximativo para as crenças Presbiterianas deve ser achado nas "Confissões de Fé" constantemente modificadas. Os Credos praticamente são ignorados pelos Presbiterianos.

Ora, John Knox, com outros cinco ex-padres, redigiu a primeira "Confissão de Fé" para os Presbiterianos, em 1560, sobre linhas estritamente Calvinistas. Mas essa "Confissão" há muito que foi abandonada. André Melville, no seu "Segundo Livro de Disciplina", modificou tão profundamente o Presbiterianismo, que, mais do que John Knox merece ser considerado o fundador dêste.

Em 1566, a "Segunda Confissão Helvética" de Bullinger, professando aceitar os Quatro Grandes Concílios da Igreja Católica, os de Nicéia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia, juntamente com os três Credos, o dos Apóstolos, o de Nicéia e o de Atanásio, tornou-

se popular por um tempo; mas não tem importância para os Presbiterianos hoje em dia.

A "Confissão de Fé" mais influente entre os Presbiterianos foi a de Westminster, datando de 1643, e é o resultado de circunstâncias mui peculiares que merecem exame mais pormenorizado.

Na Inglaterra, durante o reinado de Carlos I, o Parlamento Britânico convocou a "Assembléia de Westminster" de teólogos para aconselhá-lo sobre a reconstrução da Igreja da Inglaterra. Cento e vinte e um teólogos, inclusive representantes da Escócia, reuniram-se em 1643 sob ascendência Presbiteriana. A Assembléia redigiu a "Confissão de Westminster", uma declaração mais profunda e mais lógica do Credo Calvinista. Por isso, partidários do episcopado abandonaram a Assembléia. Com a restauração dos Stuarts no trono, depois da Commonwealth, a assembléia foi declarada nula e inválida para a Inglaterra; mas os Presbiterianos aderiram à "Confissão de Westminster" como quase divinamente inspirada, e basearam nela os dois Catecismos mais largamente conhecidos entre os Protestantes, um "Catecismo Maior" para ministros, e um "Catecismo Menor" para crianças.

Mas em anos recentes tem havido grande afastamento dessas normas de Westminster, e poucos Presbiterianos as aceitariam como elas persistem. De fato, seria muito difícil dizer que quaisquer crenças particulares são absolutamente obrigatórias entre os Presbiterianos.

Em "Towards Reunion" o Prof. Niven diz, aliás otimistamente: "Embora seja primariamente a organização o que faz uma Igreja Presbiteriana, nós não deveríamos admitir associação com ninguém que, embora organizado como nós, divergisse de nós sobre

os fundamentos da Fé Reformada. O termo Presbiteriano não denota coisa relativa à doutrina. Não simpatizamos com a exigência de uma "igreja sem credo", o que para nós é uma contradição de termos".

Porém o fato persiste de, dentro da comunidade da Igreja Presbiteriana, haver os que divergem radicalmente de doutrinas em tempo consideradas fundamentais, e os que negam a obrigação de qualquer credo definido!

OS SACRAMENTOS

Os Presbiterianos geralmente aceitam os dois Sacramentos de acôrdo com o ensino ordinário protestante, isto é, os do Batismo e da Ceia do Senhor.

O "Catecismo Menor" define um Sacramento como "uma santa ordenação, instituída por Cristo, na qual, por sinais sensíveis, Cristo e os benefícios da Nova Aliança são representados, ratificados e aplicados aos crentes".

Embora os Sacramentos não devam ser considerados meramente como símbolos de benefícios espirituais, também não podem ser considerados como realmente causadores dêste. Não se obtém mais pela recepção dos Sacramentos do que pela audição da pregação da Palavra de Deus. Porém, como ritos devotionais, êles estimulam a fé e a realização das graças que êles significam. Provavelmente, poucos Presbiterianos crêem hoje na regeneração batismal, que êles tendem a considerar como um processo incrivelmente mecânico, e mesmo mágico!

Onde a Eucaristia entra em causa, são rejeitadas tôdas as idéias de ser ela um sacrifício oferecido a Deus pela Igreja, como na Missa católica. A "Ceia do Senhor" é mero "Rito de Comunhão", e a sua re-

lação com a morte de Cristo na cruz é a de um serviço memorial, não fazendo mais do que trazer às nossas mentes pensamentos daquele Sacrifício oferecido uma vez por tôdas no passado.

Desnecessário é dizer que a doutrina da Presença Real de Cristo nos elementos consagrados é definitivamente repudiada. As palavras da consagração não operam mudança no pão e no vinho. A doutrina católica da “transubstanciação”, declarando que a substância dos elementos é convertida na substância do corpo e do sangue de Cristo, e a doutrina Luterana da “consubstanciação”, declarando que a substância do corpo e sangue de Cristo se torna presente na Eucaristia juntamente com a substância do pão e do vinho, são ambas rejeitadas.

Os Presbiterianos acreditam que, depois da consagração, o pão e o vinho permanecem em si mesmos exatamente como eram antes. Mas os benefícios que Cristo obteve para o gênero humano por meio do seu corpo e sangue são conferidos ao recebedor digno, de acôrdo com o grau da sua fé. O rito, portanto, deve ser sempre associado à pregação da Palavra, tornando a exortação do ministro a despertar a fé dos que dêle participam.

ORGANIZAÇÃO

Como já se deve ter tornado claro, a feição mais distintiva da Igreja Presbiteriana é a sua constituição ou organização.

O objetivo geral é tríplice: 1.º assegurar paridade de todos os ministros, como oposta ao episcopado; 2.º assegurar unidade orgânica da Igreja, como oposta ao Congregacionalismo; 3.º conceder aos leigos uma parcela no govêrno da Igreja através de representantes “mais-velhos”.

Para alcançar êste fim, foi estabelecida uma série de "Tribunais da Igreja" estreitamente unidos. O mais baixo é o "Conselho da Igreja", constante do ministro e de "presbíteros" dirigentes de uma congregação local. Os "presbíteros" dirigentes são ordenados para a vida toda, e assistem o ministro em decidir sobre a admissão de novos membros, em controlar os negócios da Igreja, em distribuir a Comunhão quando é celebrada a Ceia do Senhor, e na visitaçao parouquial.

Acima do "Conselho da Igreja" está o "Presbitério", constante dos ministros e de "presbíteros" dirigentes escolhidos, de um dado distrito. O "Presbitério" superintende as congregações dentro da sua jurisdição, estabelece novas congregações, ordena ministros, e ouve apelos dos "Conselhos da Igreja".

Ainda mais alto está o "Sínodo", Conselho de especificado número de "Presbitérios".

O mais alto de todos é a "Assembléia Geral" de ministros e presbíteros de cada "Presbitério". Um Presidente é escolhido anualmente como chefe oficial da Igreja Presbiteriana durante o seu período de função. Ele não é, entretanto, um "prelado monárquico" com qualquer jurisdição especial, mas está sujeito à Assembléia por ele presidida. A "Assembléia Geral" revisa o trabalho da Igreja, nomeia professores de teologia, ouve apelos e resolve controvérsias a ela referidas pelos tribunais mais baixos.

E' de entender que os Presbiterianos crêem que essa organização, embora humanamente construída, é dotada de autoridade divina. Qualquer julgamento da "Assembléia Geral" deve ser aceito como final, e não sujeito a revisão por qualquer outro tribunal na terra. A Igreja Presbiteriana é, provavelmente, a mais autoritária de todas as Igrejas protestantes; e,

se a teoria fôsse traduzida em realidade pelos membros dela, êles difeririam dos católicos não tanto sobre os princípios de autoridade, mas apenas no tocante a quais deveriam ser os órgãos dessa autoridade. Porém seria demasiado dizer que os Presbiterianos têm qualquer fé na sua Igreja, como Igreja, comparável à que os católicos têm na Igreja Católica histórica dos séculos.

Não há uma Igreja Presbiteriana mundial. As Igrejas nacionais são inteiramente independentes umas das outras. Verdade é que, em 1877, foi estabelecida uma "Aliança das Igrejas Reformadas que adotam o Sistema Presbiteriano" com reuniões de representantes de todos os países de quatro em quatro anos. Mas em sentido algum é êste um corpo de govêrno que ligue as Igrejas Presbiterianas numa unidade orgânica. Na melhor das hipóteses, as reuniões da "Aliança" são consideradas como conferências úteis.

CULTO

No seu culto, as Igrejas Presbiterianas não estão obrigadas a quaisquer formas litúrgicas fixas de orações.

Em 1562, John Knox redigira para os primeiros Presbiterianos um "Livro de Ordem Comum". Este era moldado, em grande extensão, sobre o "Livro de Oração Comum" de Cranmer, e ficou sendo conhecido como "Liturgia de Knox".

Mas, quando, em 1637, o Rei Carlos I e o Arcebispo Laud tentaram impor à Escócia o Livro de Oração Anglicano, a reação violenta resultou na rejeição até mesmo da Liturgia de Knox, em favor das "Orações Livres". Havia ali uma determinação de fazer um expurgo de tudo o que cheirasse a "Ritualismo".

As cerimônias conservadas no Livro de Oração Comum foram declaradas supersticiosas, e fortes objeções foram feitas a orações "de livro" de qualquer espécie. A "Assembléia de Westminster" publicou um "Diretório de Culto Público", mas ele dava instruções somente para a ordem dos serviços, deixando ao ministro a real linguagem das orações. E mesmo o resto do "Diretório" era deixado à opção.

Como resultado, escreve o Prof. Niven, "em culto há pouca uniformidade. As Igrejas continentais têm cada qual uma liturgia prescrita. O Presbiterianismo britânico e os seus muitos filiados não têm liturgia formalmente imposta. Temos uma porção de livros de cerimônias aprovados pelas nossas Assembléias, mas não impostos para uso geral". Portanto, formas litúrgicas são tão alheias ao culto Presbiteriano anglo-saxônio como o episcopado ao governo Presbiteriano. Contudo, muitos Presbiterianos proeminentes admitem a natureza desarrazoada do preconceito contra coisas tais como observância de Festas Cristãs, música no culto, e o uso de orações consagradas por séculos de devoção; e estão procurando restaurá-las.

Volvendo-nos para os ritos atuais, o serviço normal consiste na leitura da Escritura, no canto de hinos, em orações não-litúrgicas, e na pregação, findando o serviço com a bênção invocada sobre todos os presentes pelo ministro. Eventualmente, embora raras vezes, o Credo dos Apóstolos pode ser recitado.

O Serviço de Comunhão é usualmente celebrado cada trimestre. Quatro vezes por ano é coisa muito afastada da celebração diária da Eucaristia na Igreja primitiva como registam as Escrituras. Mas, por ocasião da Reforma, a reação contra a Missa, e a substituição desta pela pregação como feição central do culto divino, levaram a uma depreciação da Eucaris-

tia. E a perda da crença na Presença Real de Cristo no SS. Sacramento fêz êste parecer de pouca importância. Até hoje, Presbiterianos doentes e moribundos raramente, se jamais, têm oportunidade de receber a Comunhão.

Na celebração atual da Ceia do Senhor não há, ainda aqui, liturgia rígida. Uma mesa é colocada na igreja junto à qual o ministro se posta, de frente para a congregação. Os "presbíteros" do Conselho da Igreja sentam-se de cada lado dêle. Por tôda a igreja, a congregação fica sentada nos bancos, ao longo dos quais são colocadas toalhas de linho. Após hinos e preces, e um breve sermão pelo ministro, e possivelmente a leitura do Credo, o ministro recita as palavras da consagração; e ou o ministro ou os "presbíteros" distribuem o pão e o vinho ao povo nos bancos, sendo que taças individuais, como de regra, substituem a taça comum, por motivos higiênicos. O rito conclui-se com orações, com um hino e com a bênção ministerial.

Temos segurança dada pelo Rev. D. Cairns, M. A., de que tem havido "durante a última geração um acentuado retôrno às primitivas e melhores tradições do Presbiterianismo em matéria de culto; e isto tem-se mostrado no culto sacramental. Vai revivendo o interesse pela forma do culto e pela beleza e propriedade da linguagem, e têm sido corrigidas faltas provenientes de desalinho e descuido" ("The Holy Communion", p. 69). Se assim é, o retôrno não é realmente a primitivas e melhores formas e tradições do Presbiterianismo, mas sim na direção das tradições católicas com demasiada pressa renunciadas, em primeiro lugar, durante as violentas reações da Reforma Protestante.

FILIAÇÃO

A filiação à Igreja Presbiteriana é restringida somente aos que foram arrolados como comungantes, juntamente com seus filhos batizados. Mas estes últimos não são considerados membros plenos. São admitidos a essa condição usualmente dos 16 anos de idade em diante, após um curso de instrução, seguido pela confirmação dada pelo ministro. A admissão à Comunhão requer a aprovação do Conselho da Igreja, que age sob recomendação do ministro, e inscreve o nome dos novos graduados no "Rol dos Comungantes", no qual é registado também cada Serviço de Comunhão subsequente freqüentado.

As pessoas que freqüentam regularmente as Igrejas Presbiterianas, mas que não se alistam como comungantes, não são consideradas membros da Igreja, mas são chamadas "adeptos".

Estatísticas mundiais dão, em números redondos, cerca de 10.000.000 de "membros comungantes", e cerca de 30.000.000 de "adeptos", que pelo menos se descreveriam como "Presbiterianos" de uma maneira ou de outra.

TENDÊNCIAS

Infelizmente, a tendência do Presbiterianismo tem sido para desintegração doutrinária, e para uma espécie de Cristianismo cada vez mais indeterminado e vago.

Escrevendo sobre o Protestantismo em geral, o Rev. T. M. Parker, M. A., diz: "O Liberalismo, derivante das tendências modernistas na Alemanha, combinadas com a influência da ciência física do século dezenove, tem envolvido, em maior ou menor extensão, as maiores corporações Protestantes, e tem-nas feito aban-

donar as suas anteriores normas de ortodoxia. O Protestantismo hoje em dia já não é mais um credo basicamente unido, embora exteriormente dividido; é antes um montão de opiniões uniformes somente na sua rejeição do Catolicismo" ("Post-Reformation Developments", p. 19).

A Igreja Presbiteriana tem sofrido particularmente com isso. No livro "Protestantism — A Symposium", p. 77, o Presbiteriano G. Harkness escreve: "A Igreja Presbiteriana tem sido mais agudamente dividida pela controvérsia fundamentalista-modernista do que qualquer outra Igreja no nosso tempo. O liberalismo do clero excede de muito o dos leigos". E nem as Igrejas Presbiterianas são capazes de defender as suas próprias normas de antanho. Denúncias de heresias estão fora de moda, de vez que o resultado prático é glorificar as suas vítimas quer dentro quer fora da Igreja. Porém as heresias ocorrem ocasionalmente; e é significativo que, quando em 1934 o Dr. Samuel Angus, professor Presbiteriano de teologia, foi encarregado perante a Assembléia Geral em Sydney, Austrália, do ensino do modernismo, e da violação das normas doutrinárias da Igreja Presbiteriana, foi satisfeito e confirmado na sua posição. Por outro lado, dois anos depois, em 1936, na América, o Dr. J. Gresham Machen foi expulso pela Assembléia Presbiteriana ali, pelo fato de resistir ao modernismo, e pela sua fidelidade às normas doutrinárias tradicionais da Igreja Presbiteriana. Dai haver ele fundado a "Igreja Presbiteriana Ortodoxa", fazendo da fidelidade à "Confissão de Westminster" a base da filiação.

A despeito da autoridade da sua imponente série de Tribunais de Igreja, é difícil ver como pode o Presbiterianismo evitar o desvio para completa descrença no Cristianismo.

O PROBLEMA REAL

Em completa sinceridade e boa-fé, a vasta maioria dos Presbiterianos aceitam a sua religião como lhes foi ensinada, mais interessados em viver consoante os ideais dela como modo de vida, do que em procurar descobrir por si mesmos sôbre que fundamentos a aceitam como verdadeira. Poucos dêles fazem qualquer estudo da origem e desenvolvimento dela através dos séculos.

Porém mesmo uma revisão elementar da história dela, como aqui dada, suscita muitos problemas para o espirito perscrutador, tão evidente é que muitos factôres meramente humanos, não sômente individuais, como também nacionais, e nem sempre dos mais nobres, contribuíram para a criação do Presbiterianismo. Não poderia ser que o puro amor da Verdade Cristã tenha sido sacrificado àqueles?

Depois, também, muita coisa que a princípio foi proclamada como verdade tem tido de ser abandonada pelos próprios Presbiterianos. Doutrinas que tanto Calvino como Knox sustentaram como básicas no seu sistema, hoje já não são mais cridas pelos sectários dêles. Quem é que hoje crê que, como resultado do pecado original, todos os seres humanos são tão totalmente depravados, que ninguém é capaz de qualquer bem? Ou que Deus elege algumas almas favorecidas, fora de quaisquer méritos delas, predestinando-as ao céu e destinando tôdas as outras ao inferno como réprobas, sem atenção a qualquer comportamento da parte delas? Ou que a Graça de Deus é tão irresistível que os eleitos não poderiam ser infiéis a ela se o tentassem? E, depois, se Calvino e Knox caíram em erro nestas matérias, não podem ter caído em erro noutras ainda aceitas sôbre a autoridade dêles?

Mas, deixando de lado aquêles ensinamentos que os próprios Presbiterianos não mais aceitam, tomemos as grandes questões básicas da Igreja e do Ministério. Elas constituem o problema real para os Presbiterianos de hoje.

Acaso as teorias Presbiterianas sôbre essas matérias, teorias primeiramente formuladas no século dezesseis, acham qualquer apoio na Escritura, como foi suposto? Os modos de ver de Calvino e de Knox, ainda aceitos por tantos, eram os modos de ver mais verdadeiros, obtidos por uma melhor compreensão da Bíblia, ou eram os modos de ver adotados para defender o que fôra feito ao se romper com a histórica Igreja Católica?

A IGREJA ORIGINAL

Tomemos primeiro a Igreja. Sempre, desde a idade apostólica, existiu na terra uma instituição religiosa que se considerou a si mesma não como invenção humana, mas como criação divina. Ela tem-se proclamado, no dizer de S. Paulo, como "a coluna e o fundamento da verdade" (1 Tim 3, 15). Dessa Igreja Nosso Senhor predisse que "as portas do inferno" nunca prevaleceriam contra ela; e prometeu estar com ela "todos os dias até o fim do mundo". Contudo, Calvino e Knox a deixaram, sob o argumento de que as portas do inferno haviam prevalecido contra ela, e de que Nosso Senhor fracassara em cumprir a sua promessa!

Ademais, está-se tornando popular entre muitos Presbiterianos fazer muito caso, na sua profissão, do "Creio na Santa Igreja Católica", quando recitam o Credo dos Apóstolos. Mas essas palavras foram ditas por Cristãos durante 1500 anos antes de vir à exis-

tência a Igreja Presbiteriana; e todos na cristandade ocidental entendiam ai a Igreja Católica do seu tempo, e não a Igreja Presbiteriana. Acaso todos aqueles milhões de pessoas, por todos aqueles séculos, andaram erradas?

Ainda por cima, de tôdas as diferentes formas de Igrejas estabelecidas por vários Reformadores protestantes, há alguma razão para crer particularmente no Presbiterianismo? A extraordinária variedade de Igrejas que êles estabeleceram dá a impressão de conjecturas mirabolantes da parte dos diferentes Reformadores protestantes quando êles olharam à volta de si em busca de alguma coisa como substitutivo para a Igreja Católica que êles haviam abandonado. Por que então o Presbiterianismo deveria ser preferível ao Anglicanismo, ou ao Luteranismo, ou ao credo dos Batistas, dos Congregacionalistas, dos Metodistas, ou de qualquer das centenas de outras formas menores de Protestantismo?

Estas questões são, pelo menos, dignas de ulterior pensamento. Mas igualmente grandes dificuldades surgem quando nos volvemos para o problema do Ministério.

O MINISTÉRIO ORIGINAL

Abandonando o episcopado e negando qualquer sacerdócio distinto do de "todos os crentes", Calvino estabeleceu um ministério de "presbíteros". Assim fazendo, pretendeu estar voltando ao primitivo ensino e prática cristãos. Mas estava?

No Novo Testamento, a doutrina do ministério faz parte da doutrina da Igreja. Se foram homens que criaram a Igreja, caber-lhes-ia organizá-la e criá-lhe o ministério. Mas o Novo Testamento não dá si-

nais disto. O ministério foi criado por Cristo antes que a Igreja Católica existisse para prover a êle. Foi Cristo, e não os membros da Igreja, quem chamou e autorizou os Apóstolos.

"Chamou a si quem êle quis... e fêz que doze ficassem com êle, e mandou-os pregar" (Mc 3, 13-14). "Não fostes vós que me escolhestes", disse-lhes êle, "mas fui eu que vos escolhi, e vos designei, para que fôsseis e produzísseis fruto" (Jo 15, 16). Só a êles muita coisa do ensino dêle é confiada. Êles tinham de ensinar a outros "tudo aquilo que" êle tinha mandado. Só êles foram incumbidos de celebrar a Eucaristia e de perdoar pecados.

Os Apóstolos não tiveram a sua função outorgada pela escolha dos seus companheiros cristãos. O seu sacerdócio vinha diretamente de Cristo. Êles ensinavam e governavam com autoridade porque êle os autorizara a assim fazer. E, logo desde o começo, na Igreja primitiva, os Apóstolos fizeram discípulos, e os agregaram à Igreja, tendo todos de perseverar na "doutrina dos Apóstolos" (At 2, 42).

Os Presbiterianos evitam as implicações de tudo isto dizendo que os Apóstolos foram ministros extraordinários, e que depois da morte dêles a Igreja prosseguiu com um sistema de presbíteros, todos os quais eram iguais em condição. Mas a verdade é que a primitiva Igreja dependia de um ministério derivado dos próprios Apóstolos. Por isto S. Paulo ordenou Timóteo com imposição das mãos, e lhe disse não somente que salvaguardasse o "dom" a êle concedido, como também que ordenasse outros. Os Atos, 14, 22, mostram que S. Paulo ordenou sacerdotes em tôdas as suas Igrejas. Se Timóteo e Tito foram expressamente comissionados para ordenar, foi porque os "presbíteros" como tais não tinham poder para ordenar.

Devia, pois, haver na Igreja uma transmissão do poder e da autoridade sacerdotais provenientes dos Apóstolos e através dos Bispos. E o valor do ministério depende do fato de nunca ter sido quebrado o elo com os Apóstolos. A hierarquia da Igreja não era mera invenção humana. Pertence ao íntimo coração do Evangelho. O poder dela vem "do alto", não é conferido "de baixo".

Tem sido dito que a doutrina da Sucessão Apostólica e da transmissão de poderes espirituais especiais foi invenção dos últimos tempos. Mas isto não é fato. A constituição episcopal da Igreja desde o princípio foi universal. Da criação de ministros pela Igreja como um todo, ou por grupos particulares de cristãos, não achamos um só exemplo em tempos primitivos. E é impossível crer que o sacerdócio dado por Cristo durasse somente enquanto os recebedores originais sobrevivessem, e que então foi substituído por um ministério de espécie inteiramente diferente que a Igreja inventou por si mesma!

Como foi que a Igreja em toda parte veio a ser dotada de Bispos e de sacerdotes? Houve muitas controvérsias na Igreja primitiva, mas nunca sobre isto! Quem pode supor que Santo Inácio, Bispo de Antioquia, que esteve tão perto de S. João, pudesse ter traçado uma linha inteiramente nova, com relação ao episcopado, dentro em sete anos após a morte do Apóstolo, e ter sido bem sucedido em persuadir outros de que ela absolutamente não era nova?

Consideremos a história Presbiteriana em si mesma. Desde a sua origem no século XVI, toda tentativa para impor o episcopado aos Presbiterianos despertou sempre violentos protestos. Se o Presbiterianismo houvesse sido o sistema original, tentativas para introduzir o episcopado teriam despertado protestos

semelhantes. Sem embargo, não há o mais leve traço de tais protestos na Igreja primitiva. Não há menção ou recordação de qualquer contrôle senão episcopal.

Acaso não devemos dizer que, se a Igreja tôda caiu num êrro de concepção total acêrca do episcopado que Nosso Senhor pretendeu que a sua Igreja possuísse, então não há sólida segurança de direção divina por ninguém? Não é uma verossimilhança muito maior a de uma carreira equivocada iniciada por Calvino e modificada e desenvolvida por André Melville na construção do sistema Presbiteriano?

CONCLUSÃO

Como vimos neste livrinho, o Presbiterianismo anglo-saxônio começou na Escócia. E a gente naturalmente se pergunta como foi que uma nova religião foi em parte imposta e em parte acolhida naquele país.

Sem dúvida os Presbiterianos diriam que o êxito foi devido ao fato de a nova religião ser um retôrno ao mais puro sistema e à mais pura fé do Cristianismo primitivo. Porém, na realidade, a nova religião foi criação de John Knox e Andre Melville, criação de um sistema nada parecido com qualquer coisa na Sagrada Escritura, e desconhecido na Igreja primitiva; enquanto que os próprios Presbiterianos rejeitam hoje muitas das doutrinas que as versões originais da sua religião proclamavam.

A verdade é que muitas causas inteiramente diversas contribuíram para o êxito da nova religião. E não é agradável para um católico ter de registá-las.

Porquanto, se não houve nada errado na religião católica em si mesma, muita coisa estava errada nos católicos daqueles tempos que professavam essa re-

ligião. Possuindo o maior de todos os dons de Deus feitos aos homens, eles falharam em viver na conformidade d'ele. Os Bispos católicos da Escócia eram mundanos e negligentes dos seus deveres espirituais. O clero ordinário degenerara em instrução e piedade, granjeando o desprezo do seu próprio povo. O próprio povo era deixado sem instrução suficiente na sua religião. A nobreza católica relaxada viu na convulsão religiosa uma oportunidade para confiscar para si até mesmo ulterior propriedade eclesiástica. Era, também, um tempo de muita confusão política, sob influências francesa e inglesa, sob regências alternadas, e finalmente sob o fraco governo de Maria, rainha dos Escoceses. O povo mal sabia a quantas andava quando John Knox veio, sincero e forte, embora enganado. Ele ao menos exigiu a prática de alguma religião. Os nobres, embora não por motivos nobres, aliaram-se em apoio d'ele. E John Knox não hesitou em brandir a arma da perseguição, tornando coisa extremamente incômoda ficar sendo católico.

Não é difícil ver por que razão o povo, não instruído na fé, teria deixado de enxergar os erros doutrinários da nova religião; e por que razão, com tão mau exemplo a ele dado pelo seu clero, e com tão positiva pressão sobre ele exercida, ele teria concordado em aceitar uma nova religião qualquer que fôsse.

Como eu disse, nenhum católico gosta de escrever tais coisas dos seus irmãos católicos das primeiras idades. Mas a verdade deve ser dita sob todos os pontos de vista, se se quiser obter o ponto de vista realmente verdadeiro. Quanto ao mais, os tempos mudaram. Os abusos dos primeiros tempos, dos quais os Presbiterianos fizeram ocasião da sua revolta, desde muito foram remediados pela Contra-Reforma dentro da própria Igreja Católica. Certamente os Pres-

biterianos estão agora justificados de desviar a sua atenção de abusos que cessaram, para uma reconsideração da religião que elles herdaram de reformadores excitados, em vez do Catolicismo que deveria ter sido o dêles. Será que a religião Presbiteriana, *por seus próprios méritos*, merece a fidelidade de alguém? Não valeria a pena empreender o estudo da religião católica *em si mesma*, e inteiramente à parte de qualquer cogitação da gente que a tem professado, mas que obviamente *falhou no deixá-la influenciar-lhe a vida?*

Milhares de pessoas, não só da Igreja Presbiteriana, mas das várias outras formas de Protestantismo, têm agido conforme estas sugestões, reconsiderando tanto a sua própria posição como a da Igreja Católica. E tornaram-se Católicos. O escritor dêste livrinho é um que deu êsse passo. E êle confunde a sua voz com a de todos os outros que assim fizeram, declarando que a certeza e a paz que Cristo quis que nós possíssemos só devem ser achadas em sua plenitude na Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana — a histórica Igreja Cristã de todos os séculos.

A divisão da cristandade é um dos grandes escândalos da história. A política, a ambição, os regionalismos acanhados destacaram, no correr dos séculos, da unidade católica grandes e pequenas igrejas que se foram organizando à feição e semelhança dos interesses locais e momentâneos. É a oposição das paixões humanas ao desejo de *Cristo* tão comovedoramente expresso na sua oração sacerdotal, testamento de seu amor: "que sejam *um* assim como Nós" (Jo 17, 11). *Cristo* quer a unidade: unidade que abraça a sociedade universal das almas remidas; unidade que é critério insubstituível da revelação cristã; unidade que, no seu esplendor, constitui, para as almas sinceras, o caráter distintivo dos apóstolos autênticos do Salvador e da sua missão divina: "que sejam perfeitos na unidade a fim de que o mundo conheça que tu me enviaste" (Jo 17, 23). Daí, para os verdadeiros discípulos do Evangelho, o dever supremo de submeter todos os individualismos às exigências superiores da universalidade divina do Coração de Cristo, "tendo cuidado de guardar a unidade de Espírito no vínculo da paz. Um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação. Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos" (Ef 4, 3-6).

Neste momento de crise tão profunda para a civilização humana, as almas nobres começam a sentir cada vez mais urgentes o grande apelo do Salvador e os deveres religiosos que Ele impõe. Nas igrejas que

tiveram a grande desventura de separar-se da grande árvore católica, acentua-se, viva, a nostalgia da unidade. Há uma impressão profunda de que importa vencer preconceitos inveterados e dominar ressentimentos hereditários, para que, sobre estas formas do egoísmo humano, triunfe a caridade unificadora de Cristo. O movimento "ecumênico" contemporâneo, as "oitavas de estudos e orações para a unidade dos cristãos" são, entre muitas outras, algumas manifestações de um impulso interno do Espírito Santo que trabalha as almas para reuni-las "no vínculo da paz".

A quantos sentem a grandeza de semelhante missão e o peso de suas responsabilidades incumbe o dever de colaborar com a graça divina na realização suprema dos desejos de Cristo. Dever que praticamente se desdobra na obrigação de procurar a luz para as inteligências e a retidão para as vontades.

A luz alcança-se com o estudo, estudo sincero, sereno, desapaixonado. Não se revolvam os livros católicos com ânimo prevenido, com a precipitação sófrega de só colhêr objeções ou encontrar alimento para polêmicas azêdas. Assimilem-se os argumentos, analisem-se os textos na sua integridade, faça-se um esforço leal de compreensão das doutrinas expostas. Há pouco escrevia na Suíça um pastor protestante: "Sinto um *horror crescente* a certo protestantismo que se reduz a puro anticatolicismo. Considero *não só injustas*, senão também *malfazejas* as condenações superficiais e sumárias lavradas contra as doutrinas, as instituições, as práticas religiosas dos católicos romanos por *protestantes que nunca se deram ao trabalho de estudar a Igreja Católica romana num verdadeiro esforço de compreensão*". Nada mais justo e nada mais sensato. Os que seguiram esta norma de investigação acabaram na totalidade da luz buscada

com alma reta. *Newman* foi talvez a maior inteligência que viu a Inglaterra no século XIX. Longos anos empregou êle, *oxfordman* de envergadura excepcional, para dilucidar as divergências entre a sua igreja e o catolicismo. Durante êste longo itinerário intelectual, não tinha na consciência escrúpulo mais delicado do que o "de pecar contra a luz". Amou a luz, amou a verdade e a verdade lhe iluminou a alma na plenitude de seus pacíficos esplendores.

Mais que em qualquer outro, porém, no estudo religioso o trabalho da inteligência deve ser acompanhado por uma retidão d'alma inflexível. Não se trata aqui da vitória de opiniões pessoais; trata-se antes de tudo de conhecer a vontade de Deus, para prestar-lhe a homenagem de nossa submissão perfeita. Ao estudo que ilumina, una-se a oração que purifica, eleva e re-vigora as energias morais. Citamos, há pouco, o exemplo do grande *Newman*. *Wladimir Soloviev* foi chamado o Newman russo. Como o inglês, também êle, inteligência privilegiada, vontade reta, que, ao cabo de muitos anos de pesquisas e orações, descansou na certeza da verdade reconquistada. "Para preparar a união eclesiástica do Oriente e do Ocidente, *Soloviev* pedia que cada membro se decidisse a dois propósitos: assegurar e crescer a sua união íntima com Cristo, venerar na alma do próximo a vida ativa do Espírito Santo. O desenvolvimento da graça não se fará sem um aumento de caridade e a caridade sobrenatural das almas preparará a compreensão mútua, e, por ela, a união dos espíritos cimentada, não nos compromissos artificiais, mas na verdade do Cristo indisível".

Aos irmãos separados, fiéis à orientação cristã dêste programa, luz e paz.

Pe. Leonel Franca, *O Protestantismo no Brasil*, 3ª ed., p. 279 ss.

INDICE

Os Presbiterianos	5
João Calvino	6
John Knox	12
Desenvolvimentos na Escócia	15
Posição na Inglaterra	17
Igrejas americanas	17
Ensinaamentos presbiterianos	19
A Bíblia	19
A Igreja	20
O ministério	22
Os credos	25
Os sacramentos	28
Organização	29
Culto	31
Filiação	34
Tendências	34
Problema real	36
Igreja original	37
Ministério original	38
Conclusão	41